

## O HEBRAICO MODERNO: UM ESTUDO HISTÓRICO

*Rifka Berezin*

A língua hebraica teve uma evolução histórica “sui generis” em virtude de fatores peculiares da sociedade a que tem servido de veículo de comunicação.

Esta língua foi falada pelo povo judeu desde a conquista de Canaã em 1.200 a.C. até aproximadamente 200 d.C. Seu uso corrente fora interrompido pela dispersão deste povo, que passou a viver em diversos países e a falar diferentes idiomas. Entretanto, o hebraico sempre foi conservado nas práticas religiosas e continuou sendo cultivado como língua escrita.

O patrimônio literário elaborado nessa língua costuma ser dividido em três períodos quanto à temática abordada e quanto às características da linguagem empregada

No primeiro período, o chamado *Bíblico* (de 1.200 a.C. até aproximadamente 130 a.C.), a língua hebraica teve uma existência plena, isto é, era empregada na comunicação oral, na vida religiosa, nos negócios públicos e nas obras literárias. É ao longo deste período que foram escritos os diferentes livros da Bíblia.

No segundo período, o *Talmúdico* (de aproximadamente 130 a.C. até 600 d.C.), o hebraico foi uma língua falada somente no início, conjuntamente com o aramaico. No final deste período, a língua deixou de ser falada pelo povo e passou a ser somente a língua dos livros ou dos sábios, como era então chamada. Nesta época foi elaborada a vasta literatura Talmúdica, o Talmud da Palestina e o Talmud da Babilônia, escrito em parte em hebraico e em parte em aramaico.

O hebraico talmúdico é um prolongamento do hebraico bíblico, sofrendo, entretanto, transformações semânticas, sintáticas e léxicas. Enquanto o vocabulário contido na Bíblia não excede 8.000 vocábulos, no período talmúdico este vocabulário foi grandemente aumentado; cerca de 50% dos vocábulos da linguagem talmúdica são de origem bíblica e o restante é resultado do desenvolvimento natural da língua hebraica, enquanto falada pelo povo. A linguagem dos textos

talmúdicos revela uma grande influência do aramaico no seu léxico e principalmente na sintaxe. Neste período o hebraico absorveu também inúmeros elementos vocabulares gregos e persas.

No terceiro período, o *Medieval* (de 600 d.C. até o século XVIII) o hebraico não foi uma língua falada pelo povo, mas continuou predominante no seu mundo espiritual e religioso. O homem judeu, quase sem exceção, aprendia o hebraico desde a infância, como a língua sagrada do seu povo. A vasta produção literária deste período foi escrita, em grande parte, em hebraico, tanto em prosa como em poesia. Trata-se de uma literatura de fundo religioso e literário no início do período e, mais tarde, também de cunho profano e filológico.

No século XVI, os judeus passaram a falar dois outros idiomas judaicos: o iídiche (judaico-alemão) e o ladino (judaico-espanhol), ambos grafados em caracteres hebraicos.

Contudo, a comunicação, principalmente por escrito, entre as diferentes comunidades dispersas era feita em hebraico.

Por não ter sido uma língua falada, e ainda por razões religiosas, a língua hebraica foi preservada tal como ela se encontra nos textos bíblicos e talmúdicos. Ela foi ampliada na Idade Média, quando foram criados novos vocábulos, necessários para expressar os temas tratados. Neste período ela absorveu muitos vocábulos da língua árabe, devido à convivência de grande número de sábios judeus com a cultura árabe; entretanto, não foram introduzidas mudanças morfológicas ou sintáticas no hebraico clássico, conservado inalterado.

#### *A RESTAURAÇÃO DA LÍNGUA HEBRAICA, COMO LÍNGUA ESCRITA E ORAL*

O hebraico moderno não é uma continuação direta do hebraico das “fontes escritas” ou do último período literário. Esta linguagem que durante 1.700 anos não teve existência plena e um desenvolvimento natural, não poderia suprir as necessidades de expressão do mundo moderno; era necessário adequá-la para que pudesse desempenhar tal função.

O ideal da transformação da velha língua hebraica numa língua para uso corrente surgiu com os iniciadores do movimento iluminista judaico (“haskaláh”), que se iniciou em fins do século XVIII. Esse movimento distanciou-se da religião e passou a produzir intensivamente obras de conteúdo profano. Sua temática é muito diversificada e compreende pesquisas em muitos setores como Bíblia, Gramática, Filosofia e traduções de obras científicas modernas para o hebraico.

Os escritores iluministas legaram vasta produção literária que, de início, se prendeu exclusivamente ao estilo bíblico, na busca das formas mais puras da expressão hebraica. Mas, a introdução de novos conceitos e novas necessidades do mundo europeu moderno tornou difícil a arte de expressar-se somente em estilo e linguagem bíblicos e essas obras se tornaram artificiais.

Teve início, então, a pesquisa no sentido de um aproveitamento do patrimônio vocabular de todas as épocas e adaptação de formas arcaicas às novas necessidades.

O primeiro escritor iluminista que desenvolveu a tarefa de pesquisar e aproveitar o vocabulário de todos os períodos, chegando a uma síntese e lançando as bases para um *estilo* do hebraico foi o escritor satírico Shalom Iacov Abramovitch, mais conhecido como Mendele Mocher Sefarim. O seu estilo é sintético, isto é, emprega o material lingüístico, vocábulos e expressões das fontes de todas as gerações da Bíblia, do Talmud, da liturgia, da literatura filosófica medieval e da literatura rabínica hassídica e erudita, aproveitando até mesmo o aramaico, contido na literatura talmúdica, em função das necessidades de expressão. Com ele se iniciaram os processos de ampliação e de enriquecimento a ponto de criar as condições do ressurgimento da fala hebraica e o seu uso em todos os ramos da ciência e da poética, do pensamento e dos sentimentos humanos.

O renascimento do hebraico moderno como *fala popular* deve-se em grande parte a Eliezer ben Iehuda (1858-1922), considerado o pioneiro da fala hebraica na era moderna. Ben Iehuda provou que é possível empregar a língua hebraica em todos os setores da vida prática, desde que dela se faça uso com persistência e coerência. Ademais, criou um grande número de vocábulos adotados pelo hebraico moderno e elaborou um grande dicionário (de dezessete volumes), no qual já introduziu grande número de vocábulos inovados pelos iluministas e por ele.

Lançadas as bases do renascimento do hebraico, tanto na literatura como na fala popular, deu-se início a um trabalho disciplinado de criação de novos vocábulos, para suprir as necessidades de um idioma que passou, gradativamente, de escrito a falado. Nos fins do século passado, com o início da colonização judaica de Israel, a tarefa de renovação do idioma hebraico teve maior incremento.

## PRINCÍPIOS BÁSICOS DA AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO

### 1.º CRIAÇÃO DE NOVOS VOCÁBULOS

O processo de restauração organizado do hebraico deu origem a um grande número de vocábulos novos, porém as estruturas grama-

taicais e a sintaxe continuaram sendo basicamente os do hebraico bíblico e talmúdico. Foram introduzidas algumas modificações e simplificações, como por exemplo nos tempos dos verbos, que são bastantes e imprecisos na Bíblia. Entretanto, a gramática do hebraico moderno baseia-se primordialmente nas estruturas gramaticais do hebraico clássico.

Todo o trabalho de inovação foi realizado pelo “Comitê da Língua Hebraica” (fundado em 1890), mais tarde transformado na “Academia de Língua Hebraica” (1948), que funciona em Jerusalém.

A Academia de Língua Hebraica é uma instituição oficial e suas decisões, em matéria de nomenclatura técnica, gramática, grafia e transliteração, são adotadas pelas entidades educacionais e científicas. As palavras e termos que ela cunha, tornam-se elementos obrigatórios nos programas escolares, são introduzidos nos dicionários e livros de textos, tornando-se parte integrante do patrimônio nacional.

A Academia exerce também uma supervisão permanente sobre a linguagem empregada pelo Serviço de Radiodifusão de Israel, tanto no que refere à linguagem como no que diz respeito à sua correta pronúncia.

A sua tarefa fundamental consistiu em fixar os princípios básicos, que passaram a nortear os membros encarregados do trabalho de renovação e ampliação do idioma, estabelecendo-se as seguintes prioridades:

- 1 — Como primeiro passo, empreendem-se buscas nas “fontes escritas”, a fim de encontrar o significado desejado, já que nem toda a literatura é sobejamente conhecida.
- 2 — Em caso de insucesso, continua-se a investigação nas próprias “fontes escritas”, com o intuito de encontrar um significado *próximo* do conceito ou palavra desejados. Estabelece-se uma aproximação ou ampliação semântica, como por exemplo a palavra “ahuz”, que recebeu o significado de “percentagem”, enquanto na Bíblia seu sentido é “parte de”
- 3 — Além de ampliação, recorreu-se também a mudanças semânticas, isto é, atribuiu-se um novo significado a palavras antigas. Assim, o vocábulo “eqdah”, que na Bíblia tem o significado de “pedra preciosa”, passou a significar no hebraico moderno “revólver”; o vocábulo “hashmal”, que na Bíblia é traduzido por “reluzente”, “brilho metálico”, e na tradução grega por “electra”, recebeu o significado moderno de “eletricidade”.

- 4 — Foram introduzidos muitos vocábulos do repertório religioso que adquiriram um significado secular na língua corrente. O vocábulo “qorban”, que significava o “sacrifício ritual” de animais, passou a significar “vítima” “Mussaf”, o nome de uma das preces semanais, adquiriu o significado de “suplemento” Estes são apenas exemplos dos inúmeros vocábulos que passaram por este processo.
- 5 — Na impossibilidade de estabelecer uma aproximação de significado, recorre-se à criação de novas formas gramaticais, a partir de um radical hebraico, encontrado nas “fontes escritas”, cujo significado tenha alguma relação ou proximidade com o conceito procurado. Esses novos vocábulos são criados pelo processo de analogia gramático-formal, isto é, compõe-se a nova palavra segundo padrões formais “mishqal” já existentes no hebraico clássico. A base da língua hebraica são radicais triconsonantais, combinados com determinadas vogais, com prefixos ou sufixos, segundo um padrão formal, o “mishqal” Há padrões formais para indicar os mais diversos conceitos. Para exemplificar, tomemos o padrão que indica doença, que é composto pelas três consoantes do radical, acompanhadas das vogais *a, e, e*, acrescidas do sufixo *t*: “XaXeXeT” e temos, segundo esse padrão, numerosos nomes de doenças, como por exemplo, *tzahevet* = icterícia (formado a partir do radical que significa “amarelo”).

Todos esses nomes de doenças são inovações a partir de um radical hebraico cujo significado tem alguma relação com o conceito desejado, cunhado segundo um padrão formal, neste caso, o que dá idéia de doença. Esse padrão “XaXeXeT” encontra-se na Bíblia vinte e sete vezes, sendo que, em quatorze casos, indica doença e, nos demais, substantivos concretos. Entretanto, devido à sua origem bíblica, foi convencionalizado para indicar doenças e, sempre que houver necessidade de criar um vocábulo com esse sentido, recorrer-se-á a ele.

O mesmo método é empregado em relação a outros padrões no processo de criação de novos vocábulos, sem se perder de vista a preocupação de as palavras novas assumirem forma tão similar a das palavras hebraicas que torne praticamente impossível descobrir, pela forma, que são inovações. Outro exemplo: “darkon” que significa “passaporte”, foi cunhado a partir de um radical bíblico “derekh”

(caminho), segundo um padrão gramático-formal existente no hebraico clássico. . .

- 6 — Se, pelo método anterior, não se consegue chegar a um resultado satisfatório, passa-se a outra técnica, semelhante à anterior. Nessa técnica o ponto de partida não são mais as palavras ou radicais hebraicos encontrados nas “fontes escritas”, mas palavras de outras línguas semíticas, de preferência o aramaico e, em seguida, o árabe. Esse método não está baseado em analogias formais internas da língua hebraica, mas procura extrair os radicais, hebraizando-os segundo as regras de concordância que regiam as velhas línguas semíticas. O nível científico dos membros da Academia de Língua Hebraica é uma garantia de que as palavras cunhadas por esse método não se distingam das palavras herdadas. Por exemplo, “haguirah”, que significa emigração, origina-se do vocábulo árabe “hijrah” transposto para um padrão formal hebraico.

Esse método foi também aplicado, em pequena escala, no início do processo de inovação, a palavras de origem não-semítica. Foi assim, por exemplo, que a palavra “mivreshet” (escova) se formou, a partir da palavra alemã: “Bürste”, do inglês: “brush” e do ídiche “bershtele”, cunhada de acordo com um padrão comum a substantivos, segundo a técnica anteriormente descrita. Essa prática é utilizada, atualmente, para a criação de vocabulário técnico, nos diferentes campos profissionais.

- 8 — No início do renascimento da língua, foi amplamente usado o processo de aproveitamento de palavras hebraicas, foneticamente semelhantes a palavras estrangeiras, cujos significados foram tomados de empréstimo. Este método atualmente não é muito empregado, mas palavras inovadas por este método permaneceram no hebraico israelense. Por exemplo: “mekhonáh”, que na Bíblia significa base, lugar para se colocar ou construir sobre ele, assume o significado de “máquina” por semelhança fonética; “holi-ra”, cuja tradução seria “doença má”, assume o significado de “coléra”, por semelhança fonética.
- 9 — Hebraização por meio de decalque foi bastante usado e ainda continua sendo aplicado em muitos casos. Por exemplo: gan-yeladim = jardim de infância; é um decalque do alemão “kinder garten” cuja tradução literal seria jardim de

crianças; “kadur-reguel”, que significa futebol, é um decalque do inglês “football”, cuja tradução seria bola de pé.

## 2.º) EMPRÉSTIMO

A impressão que se tem, ao iniciar o estudo do léxico de um idioma renovado, é que ele estaria repleto de empréstimos a fim de poder expressar conceitos novos da vida moderna.

Entretanto, o trabalho contínuo e organizado da “Academia de Língua Hebraica”, procura evitar que o emprego dos empréstimos se torne excessivo. Sempre que algum empréstimo entra em uso ela procura, através de suas pesquisas, encontrar um substitutivo hebraico ou hebraizado para o empréstimo e o recomenda ao público.

Às vezes, houve exagero na tarefa de hebraizar palavras tidas como internacionais, e muitas delas coexistem com os empréstimos. São exemplos desta tendência:

<i>FORMA HEBRAÍZADA</i>	<i>EMPRÉSTIMO</i>	<i>TRADUÇÃO</i>
biqoret	qritiqah	crítica
higayon	loguiqah	lógica
hozeh	contraqt	contrato
maarekhet	redaqtzia	redação
mashber	qrizis	crise

Em muitos casos, entretanto, decidiu-se pela inconveniência de criar palavras hebraicas em substituição aos empréstimos. É o caso de palavras internacionais como: rádio, psicologia, telégrafo e outras.

### *CONCLUSÕES GERAIS*

No hebraico moderno ou hebraico israelense, como é também chamado, coexistem elementos lingüísticos de todas as fases anteriores, indistintamente. É lícito e usual usar-se lado a lado formas de linguagem bíblicas e talmúdicas por exemplo.

Com a finalidade de estudar, em termos quantitativos, em que medida cada um dos períodos literários do hebraico clássico contribuiu para o léxico corrente do hebraico israelense, realizamos uma investigação sobre a origem histórica do vocabulário mais freqüente na linguagem jornalística do hebraico israelense.

Segundo os resultados obtidos, concluímos que o hebraico dos três períodos literários contribuiu com 83% do vocabulário mais freqüente na linguagem estudada. Entre'anto, os três períodos contribuíram em proporções diferentes: o bíblico contribuiu com 61%, o período talmúdico, 16%, e o medieval apenas 6%

Não encontramos uma relação direta entre o valor literário de determinada obra e a proporção de sua contribuição ao vocabulário mais usual empregado no hebraico moderno.

Atribuímos ao fator “memória coletiva” da sociedade que restaurou o velho idioma, as proporções com que cada um dos períodos contribuiu ao vocabulário de maior freqüência no hebraico moderno.

A totalidade das “fontes escritas” constituía objeto de estudo e meditação para o judeu, mas é fato notório que nem toda produção literária do judaísmo mereceu a mesma atenção por parte da tradição. Os que tiveram uma educação judaica tradicional e freqüentaram a Sinagoga, liam nas suas práticas religiosas trechos do Pentateuco, dos Salmos e alguns dos profetas. A linguagem bíblica era, pois, parte do seu repertório.

Entretanto, a literatura talmúdica não era familiar a toda a comunidade judaica, porque só uma elite cultural religiosa tinha acesso a ela.

Dado que a literatura medieval era ainda menos conhecida que a talmúdica, na ampla sociedade judaica, o seu vocabulário é o menos empregado no hebraico moderno.

Portanto, o hebraico moderno é composto basicamente de um léxico herdado das “fontes escritas”, com predominância do vocabulário procedente da Bíblia, que é o estrato mais antigo do idioma. Para completar este léxico, que se mostrou insuficiente para exprimir todos os conceitos do mundo moderno, foram criados novos vocábulos, geralmente a partir de radicais hebraicos antigos.

A proporção de empréstimos foi de apenas 5%, segundo os resultados da nossa investigação.

Não houve, pois, grande influência das línguas ocidentais nos significados das palavras inovadas. Mas a influência foi pouco maior nos seus significados. Por tudo isso, o hebraico moderno conseguiu manter-se uma língua semítica com as características da língua antiga da literatura hebraica clássica.

#### BIBLIOGRAFIA

- AGNON, S. Y e outros, *Ressurgimento da língua hebraica*, Editora B'nai B'rith São Paulo. 1970.
- BENDAVID, Aba, *Leshon Miqrá Uleshon Hakhamim*, Devir, Tel-Aviv, 1971, 2 volumes.
- BEN Or A., *Toldot hasifrut haivrit hahadashá*, Izreel, Tel-Aviv, 1963, 2 volumes.



- BEREZIN Rifka, *As origens históricas do vocabulário do hebraico moderno*, Tese de doutoramento em Letras USP, 1972.
- CHOMSKY, William, "Did Hebrew die?" *Hebrew the eternal language*, The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1958.
- EISENSTADT, Samuel, *Our living hebrew language*, TeKumah, Tel-Aviv, 1967
- KUTSCHER, E. Y., *Words and their history*, Kiriat Sepher Ltd, Jerusalem,
- PERETZ, Itzhak, *The relative clause*, Dvir, Tel-Aviv, 1967
- PINKUSS, F., 'Evolução lingüística do hebraico', *Alfa, Marília* n.º 4 set. 1963.
- RABIN. Chaim. *A short history of the hebrew language*, Jewish Agency, Jerusalem, 1973.
- ROSEN, Haim, *Haivrit shelanu, Am Oved*, Tel-Aviv, 1969.
- SIVAN, Reuven, 'Al hidushey milim', in *Leshonenu Laam*, Academia de Língua hebraica, Jerusalem, nºs 169-170, p.p. 114-116, 1968.